

Os pobres também fazem História - As experiências transnacionais na trajetória política do militante internacionalista Antônio Filgueira Vieytes

Renata Cotrim¹

renata.acotrim@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP

Instituto Astrojildo Pereira - IAP

Introdução

O presente artigo tem por objetivo recuperar parte da trajetória política do operário galego, militante e revolucionário internacionalista Antônio Filgueira Vieytes, membro da Federação Operária Local de Santos (FOLS) e da Confederação Operária Brasileira (COB) e com isso, contribuir para a construção e preservação da memória e das lutas da classe operária no Brasil nas duas primeiras décadas do século XX. Por meio dos arquivos oriundos dos registros das lutas e das resistências do movimento operário internacional e das reflexões acerca da importância da salvaguarda desses acervos - constituídos, reunidos e preservados pelos próprios militantes e portanto, à margem da burocracia do Estado, pretende-se retomar as experiências transnacionais as quais Antônio Vieytes² vivenciou ao longo de sua trajetória como operário e militante internacionalista, principalmente quando esteve à frente das articulações para a

¹ Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPG/PUC-SP). Pesquisadora no Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL/PUC-SP). Membro do Comitê Executivo da Rede de Arquivos de São Paulo - REDARQ-SP. Diretora de Arquivo e Memória do Instituto Astrojildo Pereira (IAP), responsável pelo Arquivo Histórico del Movimento Operário Brasileiro (ASMOB).

² Na maior parte da documentação encontrada sobre o militante galego, o sobrenome paterno *Filgueira* não aparece e por isso, optou-se por referenciá-lo utilizando o primeiro nome e o sobrenome materno (Antonio Vieytes). Há momentos em que o sobrenome paterno é escrito com a letra “s” no final, mas optou-se por manter a grafia usada nos registros dos censos populacionais da cidade de Ferrol dos anos de 1887, 1899 e 1900, portanto, Filgueira. O mesmo acontece com o sobrenome materno, *Vieytes*, que por vezes é escrito com “i”, ou seja, Vieites”. Pela constância em que aparece na documentação, mas sobretudo, pela assinatura do próprio militante, escolheu-se a grafia utilizando a letra y.

realização do Congresso Internacional Pró Paz, na cidade de Ferrol, na região da Galícia, Espanha, e o I Congresso da Paz no Rio de Janeiro, no Brasil, ambos em 1915. As articulações políticas em torno da realização do I Congresso da Paz no Rio de Janeiro geraram muitos registros e estão reunidos em um conjunto de documentos que fazem parte do fundo Astrojildo Pereira, pertencente ao Instituto Astrojildo Pereira (IAP), atualmente sob custódia do Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM). A análise desses documentos, sob a perspectiva da classe que os constituíram, serviram de base para as reflexões a seguir.

O trabalho de pesquisa que precede o de organização de acervos arquivísticos é uma etapa fundamental para a compreensão do conjunto documental que se pretende organizar. Tal tarefa torna-se ainda mais instigante quando se trata de *arquivos militantes*,³ cujos registros revelam as práticas de luta, militância e resistência dos trabalhadores de diferentes ofícios, nacionalidades e matizes políticas no âmbito do pensamento das esquerdas do início do século XX (COTRIM, 2022). Ao escrevermos a história, recuperamos as experiências humanas e nos identificamos com determinados sujeitos - valores de determinada classe - e, portanto, produzimos uma historiografia que reaviva suas memórias e histórias (THOMPSON, 1981).

Em decorrência do meu trabalho como historiadora e documentalista no Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM), há alguns anos me debruço nas pesquisas sobre o arquivo pessoal de Astrojildo Pereira (1890-1965), escritor, jornalista e um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Antes de tornar-se um militante comunista de orientação marxista-leninista e fundar o PCB em 1922, o jovem

³ Para esta discussão, utilizou-se as reflexões propostas por DOMINGUEZ RUBIO, Lucas. ‘Archivos militantes’. Notas a partir del caso de los acervos documentales del anarquismo argentino” en Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas y Universidad Nacional de San Martín. Biblioteca Central. Actas de las Ias. Jornadas de reflexión sobre la construcción del archivo. Archivos, cultura y patrimonio, Buenos Aires, CeDInCI, 2016. A partir disso, propôs-se a ampliação do conceito de *arquivos militantes* para os fundos e coleções pessoais de militantes sociais, sobretudo, anarquistas e comunistas. A ampliação do conceito foi desenvolvida pela autora na dissertação de mestrado intitulada “*Memória Militante: a atuação das redes de preservação documental na salvaguarda dos arquivos das classes subalternas*”, defendida em 2022 no Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Astrojildo foi um ativo militante anarquista, que escreveu, editou e colaborou com diversos jornais operários durante toda a década de 1910. O vasto material presente em seu arquivo, reunido ao longo de muitos anos, é capaz de revelar muitas surpresas mesmo tendo passado mais de um século desde os primeiros registros. Um exemplo é o conjunto de documentos referentes ao I Congresso da Paz, realizado em outubro de 1915 no Rio de Janeiro, e que tinha por objetivo discutir estratégias de enfrentamento e resistência à Primeira Guerra Mundial (LUCA, COTRIM, 2019).

A partir da análise desse conjunto de documentos sobre o Congresso ocorrido em terras brasileiras, com base na historiografia sobre o tema, no cruzamento de outras fontes dispersas no acervo pessoal de Astrojildo e à medida que se interligavam, foi possível remontar as articulações engendradas para a realização do evento e reconstruir parte da trajetória de alguns militantes que tiveram atuação significativa no movimento operário do início do século XX, mas que permaneceram anônimos até o momento. Nesse sentido, ao recuperar parte da trajetória política do operário e militante internacionalista Antônio Filgueira Vieytes, pretende-se discutir a luta de classes no campo da memória, sob a perspectiva das classes subalternas, sobretudo, do movimento operário, e com isso, contribuir para a construção e preservação dessa memória no Brasil nas duas primeiras décadas do século XX. Para tal, serão utilizados como fontes primárias os registros encontrados nos acervos preservados pelos próprios trabalhadores.

Os trabalhadores contra a guerra

Na ocasião das comemorações e homenagens acerca do centenário da Primeira Guerra Mundial, revisei alguns documentos pertencentes ao arquivo pessoal de Astrojildo Pereira sobre o Congresso da Paz, ocorrido no Rio de Janeiro, em outubro de 1915. O conteúdo preservado por mais de um século, revelou as articulações construídas por militantes anarquistas e socialistas, brasileiros e imigrantes de diferentes nacionalidades, em torno do evento. A princípio, acreditava-se que o conteúdo de duas caixas, identificadas como sendo os documentos sobre o Congresso da Paz, fosse tudo o que

havia sido guardado e preservado até então sobre o encontro. Entretanto, após a análise criteriosa do conteúdo das caixas, foi possível o cruzamento das demais fontes sobre o tema, que estavam espalhadas por todo o arquivo de Astrojildo. Além da documentação referente à organização do Congresso propriamente dito, foi possível traçar parte da articulação política que envolveu diversos militantes, a maioria anônimos, vestígios da divulgação, denúncias, apoio e o balanço final. A análise desse material revelou o protagonismo do imigrante galego e militante internacionalista Antônio Vieytes e ao percorrer os rastros deixados por ele em diversos outros acervos espalhados pelo mundo, foi possível reconstruir parte de sua importante trajetória e militância política.⁴

Com a explosão da Grande Guerra, as proporções destrutivas observadas após um ano de conflito e as implicações diretas na vida da classe operária mundial, fez com que muitos militantes socialistas, anarquistas e sindicalistas, confirmassem o entendimento, elaborado anos antes, de que a guerra possuía um recorte de classe, fazendo com que os trabalhadores fossem arremessados à barbárie nos fronts de batalha.⁵ Esses militantes, trabalhadores de todo o mundo, organizados em torno de suas entidades de classe, denunciaram incansavelmente o caráter imperialista da guerra e insistiam no internacionalismo e na solidariedade de classe, que estava acima dos estados nacionais e não deveria se submeter aos seus interesses.

⁴ Sobre a participação de Astrojildo Pereira e Antonio Vieytes no Congresso da Paz do Rio de Janeiro ver Luca, Tania Regina de. Cotrim. Renata A. “O Congresso em prol da paz no Rio de Janeiro (1915)”. **Revista Historiae**, vol. 09, n. 1, Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

⁵ O nacionalismo foi um dos ingredientes fundamentais do conflito e foi capaz de mobilizar muitos em prol da defesa da pátria. Esse discurso foi defendido por parte significativa de líderes e partidos socialistas, que apoiaram os governos e exércitos de seus respectivos países. Sobre a questão do internacionalismo e do apoio dos principais partidos da Segunda Internacional à guerra, ver: JOHNSTONE, Monty. Internacionais e Internacionalismo. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 287-294.

Assim, o *Ateneo Obrero Sindicalista*,⁶ organização operária sediada na cidade de Ferrol (Galícia, Espanha) lançou, em 26 de fevereiro de 1915,⁷ uma convocatória para a realização do Congresso Internacional Pró Paz, previsto para acontecer nos dias 29 de abril, 1 e 2 de maio do mesmo ano, e que “cujo objetivo era reunir organizações operárias dos mais diferentes países para discutir meios de se opor à guerra” (LUCA, COTRIM, 2019, p.12).

A escolha da Espanha como local para sediar o Congresso Pró Paz não foi sem propósito - naquele momento, havia um intenso debate internacional conduzido pelos anarquistas sobre as posições políticas em torno da guerra.⁸ No bojo desse debate, o movimento operário espanhol na sua imensa maioria, optou por posições pacifistas, questão que os levou a convocar um congresso pela paz na cidade de Ferrol (MUÑOZ, 2019). Contando com intensa divulgação na imprensa operária,⁹ a convocação incluía anarquistas, socialistas e sindicalistas, demonstrando um Congresso aberto a todas as correntes da classe trabalhadora naquele momento.

Entretanto, poucos dias antes do início do encontro, um comício realizado em Ferrol com intervenções de alguns delegados do Congresso, foi declarado perigoso pelo governo espanhol (MUÑOZ, 2019). Considerando tratar-se de um encontro de perigosos anarquistas internacionais, o governo espanhol proibiu a reunião, expulsou

⁶ Os Ateneos Sindicalistas funcionavam como entidades independentes que serviram como espaços de debates entre os trabalhadores, promovendo a união e a formação política do proletariado. O primeiro Ateneo Sindicalista da Espanha surgiu em 1909 na cidade de Barcelona e posteriormente, esse modelo de organização foi repetido em outros lugares como Madrid, Gijón e Ferrol. Essas entidades desempenharam papel fundamental para o desenvolvimento da Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNT) nessas regiões.

⁷ A convocatória do Congresso Pró Paz de Ferrol foi publicada em *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 249, p. 1, 03/03/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097. cabendo lembrar aqui a vasta rede de intercâmbios de publicações entre organizações operárias.

⁸ Sobre este debate, ver: MUÑOZ, Julián Vadillo. *Historia de la CNT - utopía, pragmatismo y revolución*. Confederación Sindical Solidaridad Obrera. Catarata, 2019, p. 170-174.

⁹ O periódico *Cultura Obrera* dedicou-se exclusivamente ao Congresso da Paz de Ferrol (MUNÖZ, 2019).

delegados estrangeiros e impediu que outros desembarcassem no país (LUCA, COTRIM, 2019).

Mesmo com a proibição, alguns dos participantes reuniram-se clandestinamente um dia antes do previsto e tomaram uma série de deliberações, de acordo com o relato do delegado e militante português, Joaquim Manoel Sousa, contido no *Relatório do delegado da União Operária Nacional no Congresso Internacional Pró Paz*. Neste relatório, há detalhes das condições em que foi feita a reunião clandestina e as decisões ali tomadas, entre elas, destaque para a “criação de um Comitê Permanente do Congresso, com sede em Lisboa, encarregado de elaborar, a cada quinzena, um discurso revolucionário destinado às trincheiras, com o intuito de conscientizar os soldados” (LUCA, COTRIM, 2019, p.13). Ao analisar tanto as informações contidas nessa publicação avulsa, a qual nomeia-se de *Opúsculo*, quanto os exemplares do jornal *Tierra y Libertad*, que precederam e sucederam a data do encontro, observa-se o esforço e o trabalho coletivo de intensa agitação e propaganda da militância na divulgação e difusão internacional de suas ideias, revelando assim que a luta dos trabalhadores desconhece fronteiras.

Com a proibição de realizar o Congresso Pró Paz em Ferrol, o grupo de militantes articulados em torno de suas entidades e organizações de classe retomaram o debate sobre a importância da realização do evento. Assim, foi definido que a Confederação Operária Brasileira (COB) encabeçaria a iniciativa de articular um novo Congresso, que desta vez aconteceria no Brasil. Pouco tempo depois, em 29 de junho de 1915, a COB anunciou sua disposição em sediar no Rio de Janeiro, entre 14 e 16 de outubro do mesmo ano, o Congresso da Paz.

A escolha da COB como articuladora para a realização do Congresso da Paz não foi um mero acaso e alguns fatores podem ter contribuído para essa decisão. O primeiro diz respeito às reflexões realizadas e acumuladas pelo movimento operário brasileiro ao longo do período de funcionamento da entidade, que indicavam uma postura de luta antibelicista e em defesa da causa da paz entre os povos. A COB surgiu a partir dos

debates ocorridos durante o Primeiro Congresso Operário (1906),¹⁰ e embora tivesse enfrentado inúmeras dificuldades ao longo de sua existência,¹¹ foi a primeira organização operária de relevância nacional. Por meio do seu jornal *A Voz do Trabalhador*, coordenou e articulou pela primeira vez a troca de informações no interior do movimento operário, em nível nacional (PINHEIRO, HALL, 1979). Após alguns anos inativa, no final de 1912 a COB retomou suas atividades, organizando o Segundo Congresso Operário (1913), este influenciado pelo sindicalismo revolucionário, como proposto no congresso anterior (PINHEIRO, HALL, 1979). Organizada sobre as bases de acordo aprovadas pelo Primeiro Congresso e mantidas no Segundo, tinha por fim:

[...] promover a união dos trabalhadores salarizados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, econômicos e profissionais; estreitar os laços de solidariedade entre o proletariado organizado, dando mais força e coesão aos seus esforços e reivindicações, tanto moral quanto material; estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente de um jornal que se intitulará *A Voz do Trabalhador*; reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre o movimento operário e as condições de trabalho em todo o país (PINHEIRO, HALL, 1979, p. 42).

¹⁰ Sobre o 1º Congresso e a COB, ver: BATALHA, Cláudio H. M. A Confederação Operária Brasileira e sua militância. In: MARQUES, José Antonio; STAMPA, Inez (org.). *Arquivos e o direito à memória e à verdade no mundo dos trabalhadores*. Coletânea do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos Rio de Janeiro: Arquivo Nacional: CUT, 2015, p. 71-89; PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil (1889-1930)*. Documentos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, p. 41-48 e TOLEDO, Edilene. “Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil na Primeira República. *Perseu: história, memória e política*, ano 7, n.10, p.11-32, dez. 2013.

¹¹ De acordo com o relato de Astrojildo Pereira nas suas memórias, a COB teve suas bases lançadas no Primeiro Congresso Operário de 1906, mas organizou-se efetivamente apenas em 1908, “integrada por cerca de 50 associações sindicais do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, entre outros. Manteve suas atividades até 1909”. Após um período inativo, retomou suas atividades no final de 1912, “por iniciativa da Federação Operária do Rio de Janeiro, que constituiu uma comissão reorganizadora da entidade, com o encargo de convocar um novo congresso sindical nacional”. O jornal *A Voz do Trabalhador* ressurgiu em 1 de janeiro de 1913 e a COB permaneceu ativa até meados de 1915 (PEREIRA, 2012, p. 39).

Desde muito cedo, o movimento operário brasileiro apresentou exemplos significativos de luta contra as guerras e em defesa da causa da paz entre os povos, numa perspectiva de classe. Já em seu Primeiro Congresso, a classe operária brasileira, formada por trabalhadores nacionais e imigrantes de diversas partes do mundo, adotou uma moção onde considerava “que a guerra era um grande mal para os trabalhadores que lhe pagam todos os encargos com o seu dinheiro e seu sangue” e a “incitar o proletariado à propaganda e ao protesto contra a guerra” (PEREIRA, 2012, p.42).

Em 1908, após uma tentativa de envenenar as relações diplomáticas entre Brasil e Argentina, promovida por jornais reacionários dos dois países, o parlamento brasileiro, aproveitando-se e ao mesmo tempo alimentando a intriga, aprovou uma lei estabelecendo o sorteio militar.¹² Na ocasião, a COB “promoveu uma campanha de agitação simultaneamente contra a guerra e contra a lei do sorteio” (PEREIRA, 2012, p. 42). Foi criada a Liga Antimilitarista, “que editou um jornal de propaganda com o título “*Não Matarás!*” (PEREIRA, 2012, p. 42), além da publicação de manifestos e panfletos, a realização de comícios em praça pública e conferências nas sedes sindicais, em várias partes do país. Em um relatório sobre as atividades da COB deste período, consta que

A 1º de dezembro deste mesmo ano (1908) realizava a Confederação uma estupenda manifestação de protesto na qual tomaram parte cerca de 20 associações operárias do Rio e delegações de diversas sociedades de fora, formando um cortejo superior a 10 mil pessoas. E assim foi lançado pelo operariado brasileiro o primeiro grito de guerra contra a Guerra (PEREIRA, 2012, p. 43).

No Segundo Congresso Operário (1913), portanto antes do início da Primeira Grande Guerra (1914-1918), os trabalhadores aprovaram a moção onde refletem sobre o caráter de classe do conflito e as orientações, caso a guerra externa se confirmasse

¹² Para saber sobre a Lei 1.860 de 1908, conhecida como Lei do Sorteio Militar, ver MARQUES, João Carlos. *Guerra a Guerra: os movimentos anarquistas na Grande Guerra*. Revista Tempo, Espaço e Linguagem v.6 n.2 P. 157-171. Irati (PR)/Ponta Grossa (PR) jul./dez. 2015.

[...] considerando que as guerras, com todos os seus horrores, são a sequência lógica das ambições burguesas em detrimento exclusivo da classe trabalhadora, que é a única que vai derramar seu sangue na defesa de sinistros interesses que não lhe pertencem, (...) o Congresso aconselha ao proletariado do Brasil para, em caso de guerra externa, declarar-se em greve geral revolucionária (PEREIRA, 2012, p. 43).

A reorganização da COB, ocorrida no final de 1912, é marcada pela retomada de suas bases de acordo e ação à partir das orientações propostas no Primeiro Congresso Operário (1906), em que aconselhavam o proletariado “a organizar-se em sociedade de resistência econômica, como agrupamento essencial e ação direta como tática de luta” (PINHEIRO, HALL, 1979, p. 213), pois somente assim os trabalhadores alcançariam sua completa emancipação. Na primeira circular, emitida pela comissão reorganizadora da entidade e intitulada *Ao proletariado em geral*, observamos uma orientação política plural no campo revolucionário, no sentido de abarcar alguns grupos ideológicos (socialistas e anarquistas) e sindicais (de ofício ou regionais).

Já no Primeiro Congresso ficou resolvido, em vista do operariado achar-se extremamente dividido pelas suas opiniões políticas e religiosas, que a única base sólida de acordo e de ação são os interesses econômicos comuns a toda classe operária, os de mais clara e pronta compreensão; que todos os trabalhadores, ensinados pela experiência e desiludidos da salvação vinda da sua vontade e ação reconhecem a necessidade iniludível da ação econômica direta de pressão e resistência, sem a qual ainda para os mais legalitários não há lei que valha (PINHEIRO, HALL, 1979, p. 212 e 213).

Durante todo o período da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a classe operária brasileira afirmou, pelos meios que lhe eram possíveis, sua posição de repúdio à guerra, de luta contra suas consequências e a revolta contra o capitalismo que a gerou (PEREIRA, 2012), como demonstram os diversos jornais da imprensa operária da época. Em suas memórias do período de militância anarco-sindicalista, Astrojildo Pereira (1890-1965) nos revela os inúmeros esforços empenhados pelos trabalhadores na luta contra a guerra,¹³ desde o início do conflito, e que se intensificou a partir do

¹³ Ao longo da história do movimento operário brasileiro é possível observar inúmeros exemplos de luta contra as guerras e em defesa da causa da paz entre os povos. A moção aprovada no Congresso Operário

primeiro trimestre de 1915, quando “se ampliou e tomou o caráter de movimento nacional organizado” (PEREIRA, 2012, p.43). Foram organizadas inúmeras manifestações e assembleias, além da mobilização de toda imprensa operária, que recebia e publicava denúncias sobre o caráter de classe da guerra, além de oferecer orientações ao operariado. Em São Paulo, constituiu-se uma Comissão Internacionalista Contra a Guerra, com a adesão de inúmeras organizações e jornais operários, responsável por organizar as manifestações do 1º de Maio de 1915 na cidade. No Rio de Janeiro, foi criada uma Comissão Popular de Agitação contra a Guerra, composta pelos representantes de diversas entidades, organizações sindicais e outras, além de representantes dos jornais operários e libertários (PEREIRA, 2012). No comício de 1º de Maio de 1915, convocado por esta Comissão e realizado no Largo de São Francisco, com a participação ativa dos trabalhadores, foi lido o manifesto *Pela Paz!*, “no qual se fazia uma análise das causas e dos efeitos da guerra e se expunham os fins da agitação em favor da paz que se iniciava no Brasil, a exemplo do que se estava fazendo na própria Europa em guerra e nas três Américas” (PEREIRA, 2012, p.44). O manifesto foi encabeçado pela COB e assinado por outras entidades proletárias e libertárias, demonstrando assim, o papel fundamental desempenhado pela Confederação na coordenação e articulação nacional de informações no seio do movimento operário.

Embora a decisão da COB de assumir o dever de promover um encontro internacional no Rio de Janeiro contra a guerra estivesse de acordo com as reflexões feitas pelo movimento operário anos antes - de que os únicos prejudicados seriam os próprios trabalhadores, um outro fator pode ter sido preponderante para a escolha da entidade na organização do evento. Cabe notar que a posição ocupada pela entidade no cenário internacional das lutas dos trabalhadores naquele momento não era de protagonismo, mesmo no âmbito sul-americano se comparada às demais organizações de outros países, como a Argentina, por exemplo. Ao longo de sua existência, a COB contou com

de 1906 revela que a questão estava em pauta, considerando “que a guerra é um grande mal para os trabalhadores que lhe pagam todos os encargos com o seu dinheiro com seu sangue” e a “incitar o proletariado à propaganda e ao protesto contra a guerra” (PEREIRA, 2012, p.42).

recursos modestos, funcionou em sedes improvisadas e primou pela informalidade organizacional (BATALHA, 2015). Foram os esforços de seus militantes, trabalhadores pobres vindos de diversas partes do país, de diferentes nacionalidades, que asseguraram a precária infraestrutura da entidade e sua capacidade de intervir nas lutas sociais. Desse modo, os esforços e a influência política exercida pelo militante ferrolano Antônio Filgueira Vieytes podem ter contribuído de forma significativa para a escolha da COB e consequentemente, do Brasil na organização de um novo Congresso da Paz.

Arquivos militantes - “arquivar os dados para a história proletária”

Os registros sobre o Congresso Operário da Paz contidos no arquivo pessoal de Astrojildo Pereira revelam parte da articulação e preparação do evento realizada pela COB. A dinâmica de acumulação e preservação deste *arquivo militante*¹⁴ está intimamente ligada à trajetória de militância política de seu produtor e das organizações as quais atuou ao longo da vida. Ao historicizar a produção, circulação e conservação desses registros, foi possível identificar e cruzar outros documentos dentro do próprio acervo, que não estavam organizados e identificados como sendo parte do mesmo evento, além de seus desdobramentos. O material identificado como pertencente ao Congresso da Paz é composto por diversas correspondências, cartas de adesão, telegramas, relatórios, circulares, balancetes, listas de presença das reuniões, entre outros documentos. Parte dessa documentação interna da COB, que diz respeito à organização do Congresso, são manuscritos e foram identificados como sendo escritos por Astrojildo Pereira (1890-1965), integrante da comissão organizadora do Congresso. De acordo com a convocatória, publicada em papel timbrado da COB e reproduzida em

¹⁴ Trata-se de um conceito desenvolvido na dissertação de mestrado da autora intitulado: Memória militante: a atuação das redes de preservação documental na salvaguarda dos arquivos das classes subalternas”, defendida no Programa de Estudos Pós Graduated em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2022. Ver em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26068>

diversos jornais operários,¹⁵ assinava o texto e respondia pela comissão organizadora do congresso, em parceria com Astrojildo, o militante internacionalista Antônio Filgueira Vieytes.

Os *arquivos militantes* são compreendidos como sendo os acervos de movimentos políticos, entre eles os dos partidos políticos (RUBIO, 2016), acervos de sindicatos e demais entidades de classe, além das coleções e arquivos pessoais, constituídos, reunidos e preservados por militantes (COTRIM, 2022). A prática da preservação documental por parte de inúmeros militantes - anarquistas, socialistas, sindicalistas e comunistas, visando a salvaguarda dos registros de suas lutas enquanto classe em seus arquivos pessoais e coleções, nos revela duas evidências importantes: a primeira foi a permanente perseguição pela qual o movimento operário passou ao longo de sua história. As constantes invasões realizadas pelos órgãos de repressão nas sedes das entidades e organizações de trabalhadores, as destruições das gráficas onde se imprimiam os jornais operários, bibliotecas e arquivos, fizeram com que alguns militantes guardassem parte do material consigo, como forma de resguardar os registros de suas lutas (COTRIM, 2022). Em decorrência dessa prática, surge a segunda evidência - a de que havia uma preocupação no seio do movimento operário, pelo menos entre alguns militantes, de que os registros das lutas da classe operária deveriam ser preservados, ainda que isso significasse risco adicional ao militante (COTRIM, 2022). Destacamos como exemplo de demonstração da consciência de classe desses militantes enquanto sujeitos históricos preocupados com a preservação do legado de suas lutas para a posteridade, uma das deliberações do Comitê Permanente do Congresso da Paz de Ferrol, em que os membros ficassem encarregados de “arquivar os dados do Congresso para a história proletária”.¹⁶ Não podemos deixar de salientar que

¹⁵ A convocatória da COB data de 29 de junho de 1915, portanto, dois meses depois dos eventos de Ferrol.

¹⁶ Para detalhes sobre o Congresso da Paz de Ferrol e suas deliberações, ver o relato do delegado português SOUSA, Joaquim Manoel. Relatório do delegado da União Operária Nacional no Congresso Internacional Pró Paz. Porto: União Operária Nacional, 1915, p. 3-9. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, Opúsculos 01.171,1 e também os exemplares do jornal *Tierra y Libertad*, que precederam e sucederam a data da reunião. A respeito do sindicalismo em Portugal, consultar: PEREIRA, Joana Dias.

muitos desses militantes foram perseguidos e presos, e por diversas vezes as entidades e organizações as quais faziam parte foram invadidas e depredadas pela polícia, os arquivos confiscados e usados como provas nos processos contra esses trabalhadores.

A revolução tem rosto operário - Antônio Filgueira Vieytes

As informações sobre Antônio Vieytes são escassas e estão dispersas em diversas fontes documentais, sejam elas oficiais ou produzidas pelo movimento operário, portanto, é difícil estabelecer uma cronologia completa de sua trajetória. Sabe-se que nasceu em 1871 na cidade de Ferrol, região espanhola da Galícia, foi pintor de paredes e militante internacionalista com intensa atividade política junto à Federação Operária Local de Santos (FOLS) e à Confederação Operária Brasileira (COB), com significativa atuação também em outros países da América, como Cuba e Argentina e em alguns países europeus, sobretudo a Espanha, nas primeiras duas décadas do século XX.

A fim de recuperar parte dessa trajetória política de Antônio Vieytes, este trabalho apoiou-se na perspectiva da chamada história transnacional. A história transnacional é um paradigma de análise que surgiu no final do século XX, no quadro do desenvolvimento da história global ou mundial.¹⁷ Tal perspectiva investigativa orienta a atenção do historiador para “as trocas, interações, redes e outras abordagens que

Sindicalismo revolucionário. A história de uma ideia. Mestrado (História). Lisboa: FCSH/Universidade Nova de Lisboa, 2008.

¹⁷ Diversos autores adotaram a perspectiva transnacional nas suas pesquisas, sobretudo, para a história do anarquismo. Citamos alguns deles: HERNÁNDEZ, Freán O. Ideas y vidas a través del Atlántico. El anarquismo americano en la prensa libertaria gallega. *Historia y Política*, 42, 2019. p. 117-143. GODOY, Clayton Peron Franco de; CUNHA, Eduardo Souza. Novos olhares sobre o anarquismo – uma entrevista com Davide Turcato. *Revista Latino-Americana de História*, vol. 7, nº. 19 – jan./jul. de 2018, p. 284-295. CUNHA, Eduardo Souza. Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Brasília. Anais. p. 01-16. SANTOS, dos Kauan Willian. A bandeira negra entre outras: (trans) nacionalismo e internacionalismo na construção do anarquismo no Brasil (1890-1930). *Crítica Histórica*. Ano XI, n. 21, julho de 2020, p. 34-65.

ilustram os contatos e os reagrupamentos em ambos os lados das fronteiras nacionais, entre diferentes culturas e mesmo entre civilizações” (IRIYE, 2013, apud HERNÁNDEZ, 2019, p. 120), nesse sentido, vai além das relações entre os Estados para “explorar questões que vão além das fronteiras nacionais, sem que isso implique subestimar a existência de nações e a importância de estudar as relações entre o nacional e o transnacional” (GUARDIA, 1998, apud HERNÁNDEZ, 2019, p. 120). A construção da identidade de classe e do desenvolvimento de culturas políticas, neste caso do movimento operário, não podem ser entendidos sem levar em conta o quadro internacional, a circulação de ideias e pessoas e as múltiplas trocas transfronteiriças (HERNÁNDEZ, 2019). Nesse sentido, embora Vieytes tenha vivido imerso no ideário anarquista e atuado ao longo de sua vida com inúmeros militantes anarquistas, tendo aprendido e aprimorado suas práticas, não há registros que confirme sua identificação como tal. Embora a imprensa conservadora o identificasse como um “perigoso anarquista”, o próprio se autointitulava socialista, possivelmente não um socialista “reformista”, mas um *socialista revolucionário de ação direta*.¹⁸ Independente da relevância da discussão acerca da categorização desses trabalhadores e que obviamente não se pretende se esgotar aqui, neste trabalho optou-se por considerá-lo um verdadeiro *revolucionário internacionalista de práticas transnacionais*.

O registro mais antigo que encontramos sobre Vieytes é de um censo populacional realizado em sua cidade de origem, datado de 1887. O documento revela alguns detalhes da vida do jovem ferrolano, então com 16 anos de idade. Órfão de pai, era filho mais novo da cozinheira Josefa Vieytes Varela e possuía dois irmãos mais velhos - Cândida Filgueira Vieytes, também cozinheira e Ramón Filgueira Vieytes, aprendiz de ajustador, todos residentes em Ferrol. Na ocasião, Antônio Vieytes estava ausente da cidade e seu paradeiro era ignorado naquele momento, porém, no próprio documento consta a informação de que ele se encontrava em Cuba e que desenvolvia atividades no comércio.

¹⁸ Considerações propostas por Marcolino Jeremias, estudioso sobre anarquismo em Santos, o qual agradeço imensamente pelo debate, reflexões e contribuições inestimáveis para o assunto.

O segundo registro oficial mais antigo encontrado sobre Vieytes e seus familiares data de 1899, ou seja, mais de uma década depois do primeiro registro. Neste censo, não há informações acerca da irmã de Vieytes, provavelmente porque tenha se casado e mudado de residência. Vieytes, então com 28 anos e ocupando um cargo militar, permanece como integrante do núcleo familiar com a mãe Josefa e o irmão Ramón, porém, consta que seu tempo de residência em Ferrol na ocasião era de apenas um ano, sendo classificado como transeunte. No censo do ano seguinte, último registro oficial de Vieytes localizado em Ferrol, ele aparece casado com Laura Munhoz e ambos trabalhavam como zeladores na Casa de Socorro da cidade. Possivelmente migraram para a América do Sul logo depois, pois há indícios de atividade política de Vieytes no Brasil em dois momentos, mais precisamente na cidade de Santos, em um primeiro momento entre 1902 e 1905, na Argentina, por volta de 1908¹⁹ e em um segundo momento em terras brasileiras, entre 1912 e 1917, além de Cuba, entre os anos de 1909 e 1911.

As migrações transatlânticas dos séculos XIX e XX favoreceram o desenvolvimento de uma consistente rede de relações e contatos entre a Galiza e diversos países da América. Nesta rede em que participaram militantes de ambos os lados do oceano, foram identificados pelos registros contidos na imprensa operária a existência de uma intensa circulação de ideias e de pessoas, assim como de uma militância transnacional entre Galícia e América (HERNÁNDEZ, 2019).

Em Cuba, Vieytes exerceu intensa atividade política entre 1909 e 1911, tendo pertencido a redação do jornal *El Socialista*,²⁰ órgão oficial do Agrupamento Socialista

¹⁹ As informações mais significativas sobre Vieytes provém de: FERNÁNDEZ, Eliseo. Obreirismo Ferrolán. Edicións A Nosa Tera. 2005; RODRIGUES, Edgar. Os Companheiros 1. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994, p. 50-51; LOPES, Milton; RAMOS, Renato. A imigração galega e o anarquismo no Brasil. In: DEMINCIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. História do anarquismo no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X : EdUFF, 2006, v. 1, p. 80-82. Os autores mencionam, sem citar fontes, o nascimento de dois filhos no Rio de Janeiro, sua presença em Buenos Aires em 1908 e a existência de processos contra ele em Ferrol antes do final da primeira década do século

²⁰ Há indícios acerca da atuação de Antônio Vieytes também na direção do periódico libertário *La Protesta Humana*, em Cuba. Ver: RODRIGUEZ, José Antonio Vidal. La emigration gallega a Cuba:

de Havana,²¹ entidade a qual dirigia desde 1909 junto com outros militantes. Devido a uma militância bastante ativa, Vieytes sofreu com a repressão, foi alvo de inúmeros processos e expulsões dos países que atuou, sempre retornando para Ferrol, sua cidade de origem. Como observado em uma nota do jornal madrilenho, cujo nome também era *El Socialista*,²² Vieytes encontrava-se preso em Ferrol em outubro de 1910, na ocasião respondendo por um de seus dois processos, acusado de ter cometido um atentado contra policiais. Na mesma nota, consta a importante denúncia de maus tratos sofridos por ele no cárcere em Ferrol. No comunicado escrito por Vieytes para ser publicado no jornal *El Correo Gallego*, mas que foi interceptado e impedido de chegar ao seu destino pelo diretor da prisão, é relatado o martírio e as torturas a que ele e outros militantes foram submetidos na prisão - trancados em uma cela imunda, alimentando-se apenas de pão e água por vários dias, sofreram ameaças e passaram dias amarrados. Ao final, Vieytes estava com a saúde muito debilitada. É possível conjecturar que após sua saída da prisão em Ferrol, ele tenha retornado à Cuba para prosseguir com sua atividade política.

Em agosto de 1911, foi expulso²³ do país junto com alguns companheiros de militância,²⁴ entre eles o socialista espanhol Severino Chacón,²⁵ por liderar o movimento grevista dos trabalhadores das obras de esgoto e pavimentação de Havana. A greve,

trayectos migratorios, inserción y movilidad laboral (1898-1968). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005, p. 380.

²¹ O Agrupamento Socialista de Havana foi fundado em 1904 e era ligado ao Partido Socialista de Cuba.

²² Notas Ferrolanas. *El Socialista*. Órgano central del partido obrero. Madrid, año XXV, n. 1283, p. 3, 14/10/1910. Disponível em <https://fpabloiglesias.es/wp-content/uploads/hemeroteca/ElSocialista/1910/10-1910/1283.pdf>. Acesso em maio de 2021.

²³ TERRY, María Teresa Paula. Preludio del ideal socialista en Matanzas. *Islas*, núm. 190; UCLV, mayo-agosto de 2018, p. 122; FRANK, Fernández, Cuban anarchism: the history of a movement. Tucson, Ari: See Sharp Press, 2001, p. 19.

²⁴ Também foram expulsos os militantes Abelardo Saavedra, Francisco Pérez, Francisco G. Sola e Juan Casanova.

²⁵ Severino Chacón foi um militante socialista, presidente do Agrupamento Socialista de Havana e um dos fundadores do Partido Socialista de Cuba, em 1906.

conhecida como *La Huelga del Alcantarillado de La Habana*²⁶ e iniciada em junho do mesmo ano, reivindicava o aumento dos salários dos trabalhadores e melhorias das condições de trabalho, e foi conduzida sob a direção do Agrupamento Socialista de Havana. A expulsão desses militantes causou grande comoção no interior do movimento operário internacional, tendo sido amplamente divulgada nos jornais dirigidos e redigidos pelos trabalhadores e suas organizações de classe, tais como: *La Lucha*, *El Mundo e Tierra!* de Havana, *Regeneración*,²⁷ do México, *La Protesta*, de Buenos Aires, além do jornal liberal editado em Lugo *El Progreso*, que noticiou a celebração de um comício no Centro de Trabalhadores de Lugo para protestar contra a expulsão dos companheiros Antonio Vieytes e Severino Chacón,²⁸ entre tantos outros. Enviado novamente para Ferrol, Vieytes encontrava-se preso no cárcere da cidade em setembro do mesmo ano, como demonstra uma correspondência de La Coruña, publicada no jornal operário madrileno *El Socialista*. De acordo com a notícia, o motivo para a expulsão de Vieytes e Chacón é que “havia realizado um trabalho de propaganda cujos efeitos foram sentidos nos interesses das empresas capitalistas e na política que exercem os partidos burgueses”.²⁹ Com isso nota-se a intensa circulação de ideias e o trânsito de informações entre os militantes de diversas localidades, além da solidariedade proletária concreta, fato este demonstrado na arrecadação de recursos financeiros que foram remetidos à Vieytes na prisão.

²⁶ Sobre esse assunto, ver mais em: *Movimiento Obrero Cubano, El. Documentos y Articulos. Tomo I: 1865-1925*. Instituto de Historia del Movimiento Comunista y la Revolucion Socialista de Cuba. La Habana, Cuba, 1977.

²⁷ MAGÓN, Ricardo Flores. España, Argentina y Cuba. *Regeneración*, núm. 72, 13 de janeiro de 1912. Disponível em [http://archivomagon.net/obras-completas/art-periodisticos-1900-1918/1912-09](http://archivomagon.net/obras-completas/art-periodisticos-1900-1918/1912/1912-09). Acesso em julho de 2021.

²⁸ *El Progreso*, núm. 1074, Ano IV, de 09 de setembro de 1911. Disponível em https://prensahistorica.mcu.es/es/catalogo_imagenes/grupo.do?path=1003577272. Acesso em agosto de 2021.

²⁹ DE LUGO, Correspondencias de La Coruña. *El Socialista. Organó central del partido obrero*. Madrid, año XXVI, n. 1332, p. 4, 20/09/1911. Disponível em <http://archivo.fpabloiglesias.es/files/Hemeroteca/ElSocialista/1911/9-1911/1332.pdf>. Acesso em set de 2018.

Observa-se um detalhe que demonstra que mesmo em meio às mais profundas dificuldades, esses militantes primavam pela circulação e disponibilização de suas experiências enquanto classe, a fim de promover a consciência dos demais trabalhadores. Um exemplo desse movimento foi encontrado nas páginas do periódico operário *O Proletário*, editado em Santos. O jornal era redigido por diversos trabalhadores, em especial por membros da Federação Operária Local de Santos (FOLS), entidade à qual Vieytes pertencia. Ao analisar a coluna dedicada às "publicações recebidas", nota-se que no mesmo período houve um aumento significativo de jornais da imprensa operária internacional disponíveis para consulta dos trabalhadores brasileiros que frequentavam a sede do jornal. Nessa modesta *biblioteca proletária*, entre os títulos, destaque para as edições dos jornais *Tierra*, de Havana, *La Protesta*, de Buenos Aires e *Tierra y Libertad*, de Barcelona, entre outros.³⁰ Trata-se de um exemplo que demonstra a importância que a imprensa operária, feita pelos e para os trabalhadores, desempenhava na elevação da consciência de classe dos trabalhadores brasileiros.

Não é possível afirmar com precisão a data da saída de Vieytes da prisão em Ferrol, mas é provável que de lá tenha retornado ao Brasil, pois em junho de 1912 o jornal *A Lanterna*³¹ noticiou as comemorações em torno da conquista da jornada de 8 horas pelos trabalhadores da construção civil de Santos, obtida alguns anos antes. A sessão solene realizada na sede da FOLS, contou com o discurso de Antônio Vieytes, que foi aplaudido pelo numeroso auditório. No mesmo mês, explodiu a greve dos trabalhadores da Companhia de Docas de Santos. Nesse período, a cidade de Santos era conhecida como "A Barcelona Brasileira", devido ao sindicalismo de ação direta liderado pelos operários da construção civil nas duas primeiras décadas do século, e que foi

³⁰ Publicações Recebidas. *O Proletário*, núm. 05, Ano I, de 01 de outubro de 1911. Disponível em https://www.ael.ifch.unicamp.br/system/files/ael-digital/Peri%C3%B3dicos/o_proletario.o.pdf. Acesso em junho de 2021.

³¹ *Lanterna*, anticlerical e de combate. São Paulo, ano XI, n. 143, p. 3, 15/06/1912. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/366153/per366153_1912_00143.pdf. Acesso em junho de 2021.

fundamental para reforçar a imagem de uma cidade politicamente radical (SILVA, 2003).³²

Poucos meses depois, em setembro de 1912, o mesmo jornal operário denunciou a expulsão, caracterizada como arbitrária e ilegal, de cinco trabalhadores estrangeiros, entre eles Vieytes, despachados para a Europa por participarem de greve na Companhia Docas de Santos (LUCA, COTRIM, 2019). Novamente, a expulsão causou comoção e protestos do movimento operário, expressas nas páginas dos diversos jornais da imprensa operária, que em prol da ilegalidade da medida, afirmavam que “Antonio Vieytes reside no Brasil há muitos anos, sendo seus filhos nascidos em Ribeirão Preto e Santos”.³³

É plausível afirmar que sua permanência na Europa tenha sido breve, pois em janeiro de 1913 a FOLS publicou um longo comunicado, destinado às entidades do exterior, no qual alertava para as condições de vida e trabalho vigentes no país, denunciava a lei de expulsão de estrangeiros e desaconselhando a vinda de imigrantes (LUCA, COTRIM, 2019). Ao final, o documento informava que “seguiu para a Espanha, em viagem de propaganda, o companheiro Antonio Filgueira Vieytes.”³⁴

A agitação e propaganda internacional contra a lei brasileira de expulsão liderada por Vieytes e com o apoio pela COB e FOLS, obteve enorme repercussão tanto na imprensa operária quanto na imprensa conservadora, chegando a criar uma crise diplomática entre

³² Vários autores se debruçaram sobre o tema da imigração espanhola em Santos, destacamos: CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Espanhóis na Santos da belle époque: O espaço expressão da contradição. Resultados preliminares de uma pesquisa*. Revista Maracanan, 2010. BICCAS, Maurilane de Souza. *Galícia e Brasil: migração, escolarização e alfabetização de adolescentes e adultos (1871-1936)*. Relatório CNPq, 2013. GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do Mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920*. São Paulo, FFLCHUSP: Mestrado, 2008.

³³ Lanterna, anticlerical e de combate. São Paulo, ano XI, n. 155, p. 2, 07/09/1914. CEDEM/PC027. A questão da expulsão, sem mencionar nomes, também figura em A Guerra Social. Periódico Anarquista. Rio de Janeiro, ano II, n. 27, p. 3, 14/09/1912. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 081

³⁴ Documento transcrito em: PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil. Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado*. São Paulo: Brasiliense, 1981, v. 2, p. 92-96.

Brasil e Espanha. Foram enviados para o exterior cerca de 20 mil exemplares de folhetos, contendo denúncias sobre a situação precária em que viviam os trabalhadores brasileiros e estrangeiros no país. Demonstração cabal da solidariedade proletária internacional, o movimento tomou enorme proporção, incluindo trabalhadores de Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Suíça e Alemanha, a tal ponto que as Confederações Gerais do Trabalho da França, Itália, Espanha e Portugal apresentaram um documento ao ministro do governo brasileiro em Madrid, exigindo a imediata revogação da lei de expulsão de estrangeiros e o retorno dos imigrantes expulsos.³⁵

De volta ao Brasil, em abril de 1914, Vieytes foi novamente preso, desta vez em companhia de Manoel Gonçalves, enquanto discursava em uma assembleia de trabalhadores na sede da FOLS. A polícia invadiu a sede da entidade enquanto Antonio Vieytes ocupava a tribuna e de acordo com o relato policial publicado no jornal *A Tribuna*, tratava-se de um militante “inteligente, possuidor de uma certa eloquência” e que “empregava todos os seus argumentos no sentido de convencer aos seus ouvintes, que eram em grande número e de que as classes proletárias precisavam levantar-se para defender os seus direitos”.³⁶

No final de abril, Vieytes foi mais uma vez expulso do país e seguiu para a Europa nos porões do navio *Tommaso di Savoia* (RODRIGUES, 1994). Em maio de 1914, o jornal *A Revolta*³⁷ publicou o poema *A Justiça*, em sua homenagem:

³⁵ CARVALHO, Florentino. Agitação internacional contra a lei de expulsão brasileira. *Germinal*, semanário anarquista. São Paulo. Ano I, n. 07, p. 1, 10/05/1913. Disponível em <https://www.ael.ifch.unicamp.br/system/files/ael-digital/Peri%C3%B3dicos/germinal.o.pdf>. Acesso em maio de 2021.

³⁶ JEREMIAS, Marcolino. A Federação Operária Local de Santos. *LIBERA*, Informativo da Federação Anarquista do Rio de Janeiro, Ano 14, n. 124, maio-jun de 2004. Disponível em https://bibliotecasocialfabioluz.files.wordpress.com/2012/06/libera_124_mai-jun_2004.pdf. Acesso em abril de 2021.

³⁷ *A Revolta*. Orgam de Propaganda Emancipadora. Santos, ano II, n. 07, p. 1, 01/05/1914. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 015.

A Justiça

Ouves? Retumba a torva tempestade,
Que pavorosa envolve a humanidade,
No turbilhão perene dessa vida,
Que a custo não a vê já dissolvida.

Cultos, deuses, senhores poderosos,
Erguem-se insultantes, vis, jacosos,
De frente à torpe massa que desfila,
Sob uma carga enorme, que aniquila.

E que alguém erga a voz debilitada,
Que diga que quer pão, que quer abrigo,
Como na esquina o trôpego mendigo!...

Que invoque a lei sagrada, ou a justiça
Que num leito de vil ouro se espreguiça:
Caprichosa, cruel, ensanguentada!

O poema, de autoria de José de Barros e dedicado “ao amigo Antonio F. Vieytes”, é mais uma demonstração de que a solidariedade proletária pode se manifestar de diversas formas na sua materialidade, seja por meio da arrecadação de recursos financeiros para o militante e sua família quando este se encontrava no cárcere e impedido de exercer seu ofício, na ampliação de sua voz por meio das notícias e denúncias publicados nos jornais proletários, pelos atos públicos, comícios e greves, mas também em forma de homenagem, pela delicadeza e potência da arte. Portanto, trata-se de uma solidariedade

real e sobretudo, política - prática concreta do internacionalismo enquanto norma, partilhado por tantos militantes desse período.

Na Europa, o conhecimento de Vieytes acerca do movimento operário internacional garantiu-lhe um protagonismo importante no congresso de Ferrol. A expulsão do Brasil em abril de 1914 permite afirmar que ele já estava na Espanha na ocasião da realização do Congresso em Ferrol.

Os indícios para tanto decorrem, por um lado, do fato de a COB ter enviado um outro representante, João Castanheira³⁸ e, por outro, de pistas que indicam sua permanência na Europa, a exemplo de artigo escrito por ele do “cárcel celular de Barcelona”, datado de outubro de 1914 (LUCA, COTRIM, 2019), em que relata os abusos cometidos pela polícia brasileira contra os trabalhadores.³⁹

Outro importante indício de que Vieytes contribuiu efetivamente para a organização do evento na Europa é que em 11 de fevereiro de 1915, ele estava em Ferrol discursando no comício promovido pelo Ateneo daquela cidade no Teatro Romea, ocasião em que foi anunciada a realização do Congresso Internacional de Trabalhadores em prol da paz.⁴⁰ Desse modo, é possível concluir que sua presença na reunião que ocorreu a 29 de abril,

³⁸ De acordo com FERNÁNDEZ, Eliseo; LOPES, Milton; RAMOS, Renato. Op. Cit., p. 82-83, Castanheira era pseudônimo de José Whiman, que participou dos preparativos do congresso de Ferrol mas não do evento, por ter sido expulso do país. Foi dado como morto, o que gerou protestos da imprensa operária. O fato foi posteriormente esclarecido, o militante estava em Portugal.

³⁹ VIEYTES, Antonio F. Los obreros y la policía. Solidaridad Obrera. Organo de la Confederación Regional del Trabajo de Cataluña. Barcelona, ano VIII, n. 72, p. 3, 08/10/1914. http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203503000_Solidaridad%20Obrera.htm. Acesso em set. 2018.

⁴⁰ Ferrol. Solidaridad Obrera. Organo de la Confederación Regional del Trabajo de Cataluña. Barcelona, ano IX, n. 85, p. 4, 04/03/1915. Disponível em: <http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203503000Solidaridad%20Obrera.htm>. Acesso em set. 2018.

véspera da proibição do evento, se deu na condição de representante da COB e um dos principais formuladores do congresso de Ferrol.⁴¹

Uma das evidências de seu protagonismo pode ser observada no artigo assinado apenas com as suas iniciais no jornal *Na Barricada*. Depois de saudar a iniciativa de se levar adiante um congresso no Rio de Janeiro, Vieytes apresentou-se como um dos idealizadores do evento de Ferrol:

“Para a frente, rebeldes! Não importa os pessimistas que gritem e desesperem: siga sempre para a frente, que vossa será a vitória. No Congresso de Ferrol, a mesma coisa se deu. Os companheiros Vieytes, Bouza e Lon lançaram a ideia e os pessimistas diziam que seria um fracasso, e apesar de todos os obstáculos (...) souberam os camaradas vencê-los e aquele pequeno Ateneu Socialista de Ferrol abalou os governos das nações beligerentes, que obrigaram o governo espanhol a suspender o Congresso”.⁴²

No excerto acima, percebe-se a clareza e firmeza com que Vieytes se colocava no debate público, mesmo entre os seus, ainda que houvesse divergências táticas e estratégicas. Deste modo, é possível concluir que sua postura combativa na defesa de seus posicionamentos políticos nos ambientes onde os debates ocorriam de forma ampla e horizontal, contribuíram para que ele se tornasse uma referência para os seus camaradas e companheiros na luta de sua classe por melhores condições de vida.

⁴¹ O nome de Vieytes é citado na edição que deu conta da proibição do congresso e da reunião realizada na véspera do seu início: *Terra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 257, p. 1-2, 12/05/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

⁴² A.F.V. Para a frente, rebeldes! *Na Barricada*. Jornal de combate e crítica social. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 3, 19/08/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 130. No jornal *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 248, p. 2, 24/02/1915, há uma pequena nota assinada por López Bouza, de Ferrol, apresentando a ideia do congresso. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

No que pese toda a experiência de militância transnacional e poder de articulação política de Vieytes, o Congresso da Paz de Ferrol desempenhou um papel fundamental na rearticulação do movimento operário espanhol. Pela primeira vez, militantes do movimento operário que haviam participado da fundação da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) em 1910, em seu primeiro congresso em 1911 e que sofreram sua ilegalidade puderam reencontrar-se. Isso fez com que as bases para a reorganização da CNT fossem firmadas em Ferrol e novas figuras começaram a surgir para o sindicalismo espanhol (MUÑOZ, 2019). Portanto, a iniciativa de organizar um congresso internacional dos trabalhadores surgiu da necessidade de articulação no interior do movimento operário, visando sua reorganização internacional.

Assim, é razoável afirmar que Antônio Vieytes não foi apenas testemunha ocular dos acontecimentos na Espanha, mas um dos formuladores da iniciativa de reorganização internacional do movimento operário naquele momento. Não há dúvidas de que a atuação política de Vieytes ao longo de quase duas décadas por todos os países em que passou, somada a totalidade dos esforços empenhados por outros militantes que atuaram no período, foi fundamental para a construção de uma rede transnacional de circulação de ideias e informações dentro do movimento operário mundial. O internacionalismo proletário vivenciado de forma concreta e coletiva até às últimas consequências por ele e outros militantes do período, foi capaz de construir importantes ações conjuntas visando melhores condições de vida e de trabalho para os proletários de diversas partes do mundo.

Considerações finais

A preservação da memória das classes subalternas passa necessariamente pela preservação dos registros de suas lutas. Tais registros – documentos das mais diversas tipologias e suportes - produzidos pela e para a classe, são fontes de pesquisa histórica

para a compreensão das dinâmicas sociais, mas sobretudo, são instrumentos potentes usados no acirramento da luta de classes no campo da memória.

As pesquisas nos arquivos de caráter militante, principalmente nos arquivos pessoais, demonstram que esses sujeitos ao longo de suas atividades políticas tiveram a preocupação com a salvaguarda dos registros de suas lutas e assim, de sua memória enquanto classe. Nesse sentido, debruçar-se sobre os registros das ações e das práticas políticas de indivíduos como o revolucionário internacionalista Antonio Vieytes contribui para uma nova escrita da história, sob a perspectiva desses indivíduos.

Ao analisar a trajetória política de Vieytes, percebe-se que este esteve envolvido durante praticamente toda sua vida nas lutas dos trabalhadores independente de onde estava – no cárcere ou em liberdade - na Espanha, em Cuba, no Brasil, sua atuação foi demonstrativo de que o internacionalismo desconhece fronteiras. Ele foi exemplo de um revolucionário internacionalista cujas práticas se davam no âmbito transnacional, que atuou de forma anônima, porém decisiva em diversos momentos, sobretudo na organização de sua classe, na transmissão e circulação de informação e ideias, na agitação e na propaganda do ideário revolucionário. Como Vieytes existem muitos militantes sociais – mulheres e homens anônimos, cuja atuação coletiva mudou os rumos da história, sua e de sua classe. Assim, a importância política da preservação desses arquivos e da retomada do protagonismo desses indivíduos anônimos – é “apropriar-se novamente da história” – isto é, a memória é um campo fértil de disputa política e, como nos lembra Walter Benjamin diante do horror do nazifascismo, “também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994, p.224-225).

Referências bibliográficas

Batalha, Cláudio H. M. “A Confederação Operária Brasileira e sua militância”. In: Marques, José Antonio: Stampa, Inez (org.). **Arquivos e o direito à memória e à verdade no mundo dos trabalhadores**. Coletânea do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos Rio de Janeiro: Arquivo Nacional: CUT, 2015.

BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História (1940). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: **Walter Benjamin - Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

Biccas, Maurilane de Souza. “Galícia e Brasil: migração, escolarização e alfabetização de adolescentes e adultos (1871-1936)”. **Relatório CNPq**, 2013.

Cânovas, Marília Dalva Klaumann. “Espanhóis na Santos da belle époque: O espaço expressão da contradição. Resultados preliminares de uma pesquisa”. **Revista Maracanan**, 2010.

Cotrim, Renata. Memória Militante: a atuação das redes de preservação documental na salvaguarda dos arquivos das classes subalternas”. **Dissertação de mestrado**. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PEPG em História, PUC-SP, 2022.

Cunha, Eduardo Souza. “Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional.” In: XXIX Simpósio Nacional de História, 2017, Brasília. **Anais**.

Díminguez Rubio, Lucas. “‘Archivos militantes’. Notas a partir del caso de los acervos documentales del anarquismo argentino” en Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas y Universidad Nacional de San Martín. Biblioteca Central. **Actas de las Ias. Jornadas de reflexión sobre la construcción del archivo**. **Archivos, cultura y patrimonio**, Buenos Aires, CeDInCI, 2016.

Fernández, Eliseo. **Obreirismo Ferrolán**. Edicións A Nosa Tera. 2005.

Frank, Fernández, **Cuban anarchism: the history of a movement**. Tucson, Ari: See Sharp Press, 2001.

Gitahy, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

Godoy, Clayton Peron Franco de; CUNHA, Eduardo Souza. “Novos olhares sobre o anarquismo – uma entrevista com Davide Turcato”. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 7, nº. 19 – jan./jul. de 2018.

Hernández, Freán O. “Ideas y vidas a través del Atlántico. El anarquismo americano en la prensa libertaria galega”. **Historia y Política**, 42, 2019.

Jeremias, Marcolino. “A Federação Operária Local de Santos”. **LIBERA, Informativo da Federação Anarquista do Rio de Janeiro**, Ano 14, n. 124. maio-jun de 2004.

Johnstone, Monty. “Internacionais e Internacionalismo”. In: Bottomore, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Lopes, Milton; Ramos, Renato. “A imigração galega e o anarquismo no Brasil”. In: Demincis, Rafael Borges; Reis Filho, Daniel Aarão. **História do anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: vol. 1, EdUFF, 2006.

Luca, Tania Regina de. Cotrim. Renata A. “O Congresso em prol da paz no Rio de Janeiro (1915)”. **Revista Historiae**, vol. 09, n. 1, Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

Marques, João Carlos. “Guerra a Guerra: os movimentos anarquistas na Grande Guerra”. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem** v.6 n.2, Irati (PR)/Ponta Grossa (PR) jul./dez. 2015.

Movimiento Obrero Cubano, El. Documentos y Artículos. Tomo I: 1865-1925. Instituto de Historia del Movimiento Comunista y la Revolucion Socialista de Cuba. La Habana, Cuba, 1977.

Muñoz, Julián Vadillo. **Historia de la CNT - utopía, pragmatismo y revolución.** Confederación Sindical Solidaridad Obrera. Catarata, 2019.

Pereira, Astrojildo. **Formação do PCB: 1922-1928 notas e documentos.** São Paulo. Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois. 2012.

Pereira, Joana Dias. **Sindicalismo revolucionário. A história de uma ideia.** Mestrado (História). Lisboa: FCSH/Universidade Nova de Lisboa, 2008.

Pinheiro, Paulo Sérgio; Hall, Michael M. **A classe operária no Brasil (1889-1930). Documentos.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, p. 41-48.

Porta, Eliane Veiga. **Imigrantes espanhóis em Santos, 1880-1920.** São Paulo, FFLCHUSP: Mestrado, 2008.

Rodrigues, Edgar. **Os Companheiros 1.** Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994.

Rodriguez, José Antonio Vidal. **La emigration gallega a Cuba: trayectos migratorios, inserción y movilidad laboral (1898-1968).** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

Silva, Fernando Teixeira da. **Operários Sem Patrões: Os Trabalhadores da Cidade de Santos no Entreguerras**. Editora UNICAMP, 2003.

Santos, dos Kauan Willian. “A bandeira negra entre outras: (trans) nacionalismo e internacionalismo na construção do anarquismo no Brasil (1890-1930)”. **Crítica Histórica**. Ano XI, n. 21, julho de 2020.

Terry, María Teresa Paula. “Preludio del ideal socialista en Matanzas”. **Islas**, núm. 190; UCLV, mayo-agosto de 2018.

Thompson Edward. P. “A lógica histórica”. In: **A miséria da teoria: ou um plenário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Toledo, Edilene. “Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil na Primeira República”. **Perseu: história, memória e política**, ano 7, n.10, dez. 2013.